

TRINGALI, Dante. *Horácio, poeta da festa: navegar não é preciso*. São Paulo: Musa, 1995 (Ler os Clássicos, v. 3). 206p.

Maria da Gloria Novak

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

O novo livro do Professor Dante Tringali estuda Quinto Horácio Flaco: sua vida, sua obra, suas preferências e idiossincrasias, sua religiosidade, seu pensamento, seus amores. Considera autobiográfica a obra horaciana e, sobre invocar amiúde o testemunho do Venusiano, apresenta, em latim e português, vinte e oito *odes* que lhe comprovam as afirmações.

O estudo consta de nove capítulos, um dos quais estabelece paralelo entre Horácio e Ricardo Reis.

São os seguintes os títulos dos capítulos: 1) Um filho de escravo; 2) Poeta da festa; 3) Código do vinho em Horácio e Ricardo Reis; 4) Exaltação da mulher marginal; 5) Mito e ecologia; 6) Crítica da epopéia e de Homero; 7) Estética da beleza como doçura; 8) Entre passadistas e vanguardistas; 9) Navegar não é preciso.



O primeiro capítulo destaca, ao lado de fatos da vida do Poeta e da relação de suas obras, a situação política romana, da morte de César à batalha de Ácio, não escondendo a batalha de Filipos, envolvida, no que concerne a Horácio, “numa nuvem de religiosidade”. O professor Tringali assinala, a cada passo, o que considera: 1) a profunda religiosidade do Venusiano; 2) o seu autêntico lirismo; 3) o seu ecletismo religioso; 4) a sua moralidade; 5) a idéia que faz da vida e da morte, e da violência; 6) o seu culto da amizade, do amor e da “comunhão quase eucarística” do vinho; 7) a sua noção de felicidade.

No segundo capítulo, “Poeta da festa”, o Autor define o Poeta como *um conviva satisfeito da festa que supõe que a vida deva ser*; e define a festa, a infra-estrutura da felicidade, a virtude, o famosíssimo *carpe diem*, que há vinte séculos vem comprometendo o verdadeiro sentido do epicurismo; define o que chama “o poder do vinho”, cita os modelos da festa horaciana, que ele considera “quase um banquete eucarístico”.

O terceiro capítulo, “Código do vinho em Horácio e Ricardo Reis”, compreende duas partes. A primeira examina exaustivamente o sentido da *festa*, e sua essência, o *festim*. Define o festim, cujo cerne é o *vinho*, que tem um *código*. E define e analisa esse código: seus *princípios*, suas *regras*, seus *elementos*.

O Professor considera a presença de quatro *princípios* na horaciana festa do vinho: 1) filosófico, 2) religioso, 3) moral, 4) patriótico. O primeiro gira em torno do sentido da morte. O segundo

explica o sentido do epíteto que se dá a si mesmo Horácio: *pius*. Tudo seria sagrado e religioso: a videira, a taça, o Poeta, que defenderia “o mais indiscutível monoteísmo”, o convívio, que prefiguraria “os mistérios eucarísticos”. O terceiro princípio, o moral, consiste em seguir a natureza e não ultrapassar as medidas. O quarto subordinaria o código do vinho à importância da agricultura para o equilíbrio econômico.

Dante Tringali documenta em Horácio vinte e quatro *regras* no código do vinho. Essas regras dizem respeito a todos os aspectos da festa: ocasiões, organização, classes sociais admitidas ao festim, a idade ideal, restrições à mulher, o lugar, a qualidade do vinho e o *modus operandi*: moderação, amor e amizade, conversa, música, dança, canto, folhas, flores e perfumes. Destaca a santidade dos dias de festa, o sentido “místico do vinho”, a suavidade do campo, a distinção entre os festins que aí se realizam e os da cidade; e a distinção entre o permitido e o proibido. Lembra uma incompatibilidade entre Líber, Vênus e Marte, que é excluído das festas do Poeta, e invoca o testemunho de Homero, de que o vinho pode levar à loucura. Aponta o sentido das flores, que ligam ao divino o que é humano, e mais a efemeridade das coroas de flores, a simbolizar a efemeridade da vida.

Na segunda parte do capítulo, o Autor focaliza o poeta fictício criado por Fernando Pessoa, Ricardo Reis. Procura em sua poesia a presença dos quatro princípios e das regras que constituem o código do vinho na obra do Venusiano. Considera, na poesia da criatura de Fernando Pessoa, o diálogo travado entre a criatura e Horácio, para determinar a natureza da dependência que liga a primeira ao segundo. Inicialmente compara, analisa e discute o sentido da morte, do prazer, do vinho, da felicidade, da moral, do patriotismo e da vida. E distingue duas religiões em Ricardo Reis, uma das quais repudiada. Estuda, a seguir, o sentido que têm ou deixam de ter as regras do código do vinho no “poeta da decadência”, que ignora o simbolismo das estações, que não conta os dias e as horas, que vive só, que não se importa com as idades do homem, e a quem os deuses “concederam apenas *a vila da existência*”. Dante Tringali compara, afinal, a atitude de ambos os poetas em face da razão, da paz e da guerra, do amor e das flores.

O quarto capítulo, que estuda *a exaltação da mulher marginal*, compreende oito itens, nos quais o Professor estuda minuciosamente: 1) o lirismo horaciano, dentro do contexto psicológico e social de Roma, e em face dos modelos gregos, e das tendências e das preferências do Poeta; 2) a valorização da mulher, como *parceira do homem*; 3) os dois princípios que *fundamentam o lirismo de Horácio*; 4) *a dimensão mítica* do amor: a origem do mal, degradação e elevação da mulher, e as divindades de aspecto materno; 5) *Vênus, deusa do amor*: as duas Vênus, *a ética no amor*; 6) duas classes de mulheres; 7) *a prostituição como virtude*; 8) a pureza do Venusiano.

No quinto capítulo, “Mito e ecologia”, Dante Tringali focaliza a função ecológica do mito na Antigüidade e destaca: a relação entre a poesia e o mito, de que ela provém e se alimenta, e cuja lição transmite; as relações entre o homem e a natureza, e os três princípios fundamentais da ecologia. Discorre sobre os *crimes ecológicos*. Em pouco mais de três páginas, invocando, é verdade, o testemunho de Horácio, descreve o nosso tempo e sustenta a tese da igualdade de direitos. Assinala, depois, a relação entre mitologia e mito; define-os e analisa os vários sentidos do equivalente latino de *mito*. Estuda a “mitologia sacra” de Horácio, a onipotência de Júpiter, o “rígido monoteísmo do Poeta” e o sentido da liberdade. Lembra as Quatro Idades, opõe o mar à terra e, na terra, o campo à cidade, e chama

a Horácio “um dos maiores poetas bucólicos de todos os tempos”. Estuda, ainda, os animais e as relações entre eles e os deuses, e entre eles e os homens. A seguir, focaliza a guerra, *o mais devastador de todos os agentes antiecológicos*, e antes de terminar o capítulo (com uma visão geral da ecologia através dos tempos) destaca o problema da escravidão na obra do Venusiano e chama-o “precursor de Castro Alves”.

O sexto capítulo, “Crítica da epopéia e de Homero”, ressalta o pensamento de Horácio em face da epopéia. Destaca, principalmente, a oposição entre poesia épica e poesia lírica, e a tendência do Venusiano para o “lirismo pessoal”, avesso à *ideologia da epopéia* e aos *caminhos do mar* e às *estradas da terra*. O Autor analisa rapidamente as epopéias homéricas e explica-nos: 1) as razões horacianas da repulsa, e 2) o *insight* horaciano. Lembra Platão, lembra Ênio, lembra a antiga História de Roma. Compara Homero e Vergílio, e aventa a hipótese de que Horácio “talvez influenciasse no caráter piedoso e místico”, ostentado pela *Eneida*.

No sétimo capítulo, “Estética da beleza como doçura”, o Autor destaca os pontos capitais da estética horaciana: equilíbrio, unidade na multiplicidade, utilidade e beleza, doçura.

Apona a coerência existente entre a vida e a obra do Venusiano, homem que nasceu poeta e que *pela poesia se orienta*. O Professor Tringali percorre o caminho poético de Horácio, das *sátiras*, e seus modelos, às *epístolas* e às *odes*. Lembra o lirismo horáciano, por força incompatível com a epopéia. Focaliza o teatro e os sonhos horacianos de *recuperação do drama satírico*. E discorre sobre *a essência da doçura lírica: juventude, amizade, amor*.

O oitavo capítulo, “Entre passadistas e vanguardistas”, sistematiza oposições e problemas latentes ao longo da obra: *engenho e arte, gratuidade e utilidade da arte*, hierarquia entre os gêneros literários (um lugar ao sol para o drama satírico e o “lirismo pessoal, subjetivo”, que canta o amor, a amizade, e o campo, diferente do lirismo grandioso de Píndaro), tradição e modernidade, *classicismo e vanguardismo*, o valor da *perfeição* e da *disciplina* como caminho, artes e arte literária.

O nono capítulo, “Navegar não é preciso”, documenta o sentimento horaciano em face do mar e a relação entre os gêneros literários e as viagens. O Professor discorre sobre as verdadeiras razões que podem levar o homem a enfrentar as ondas e lembra as grandes epopéias, as grandes viagens e grandes viajantes, e Pompeu e Ulisses e os Argonautas. E lembra o Velho do Restelo, e Fernando Pessoa e Ricardo Reis, e o mais terrível desastre ecológico, o descobrimento do Novo Mundo.

Em suma, a obra, de leitura bastante agradável, em que pese a inevitável presença de erros tipográficos, tem grande valor documental e focaliza alguns temas que são, e continuarão naturalmente a ser, fonte de inesgotáveis discussões.

Resta-nos agradecer ao Professor Dante Tringali por mais este ensaio, fruto de sua vasta cultura.